

APRESENTAÇÃO

SERGIO BAPTISTA DA SILVA
EDITOR

Com grande satisfação e entusiasmo, apresento aos seus leitores e suas leitoras o primeiro número do ano 2019 da revista **Espaço Ameríndio** (volume 13, número 1 – janeiro/junho).

Nele, estão presentes uma série de textos, dentre artigos, ensaios e resenhas, que abarcam uma gama variada de temáticas, enfocando: 1. gestão de patrimônio; 2. lideranças ameríndias; 3. educação escolar e estudantes indígenas; 4. compensação ambiental; 5. arte e cinema; 6. (re)territorialização, resistência e garantia de direitos; e 7. farmacopeia odontológica indígena.

Assim, iniciamos nossa seção de **Artigos** com o texto de Marcelo Marques Miranda, da Universidade de Leiden, *Gestão do patrimônio e povos indígenas: a necessidade de uma abordagem inclusiva e intercultural*. Nele, o autor analisa, levando em conta o contexto do povo Camëntsá na Colômbia, “os mecanismos de gestão do patrimônio em países anteriormente sob o domínio ocidental”, salientando que os mesmos “tendem ainda a seguir aproximações que ignoram os valores que os povos indígenas atribuem a objetos e sítios arqueológicos nos seus territórios ancestrais”.

Na continuidade dessa seção, dois artigos abordam a temática das lideranças ameríndias.

José Henrique Prado, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em *Parentesco e cosmopolítica na atuação da chefia ameríndia: experiências etnográficas junto aos Kaiowa de Mato Grosso do Sul, Brasil*, faz uma discussão sobre as relações entre o social, o político e o parentesco na tentativa de compreensão da liderança nesse povo.

Em *As mulheres no movimento indígena de Oiapoque: uma reflexão a partir da Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão* – AMIM, a Karipuna Ariana dos Santos e Tadeu Lopes Machado, ambos da Universidade Federal do Amapá, destacam e refletem sobre o envolvimento das mulheres dessa região nesse movimento, tanto do ponto de vista regional como nacional.

A temática da educação escolar e estudantes indígenas, nas suas mais diversas facetas, é trabalhada nos próximos três artigos.

Em *Tempo, lugar e interculturalidade na perspectiva dos estudantes indígenas do Curso de Educação Intercultural* – UFG, Elias Nazareno, Ordália Cristina Gonçalves Araújo e Tamiris Maia Gonçalves Pereira, todos da Universidade Federal de Goiás, apresentam uma discussão, a partir do enfoque teórico enactivo, sobre a “pretensa universalização do conceito de tempo das sociedades ocidentalizadas”.

Meire Adriana da Silva, da Universidade Federal do Amapá e Universidade Estadual de São Paulo/Araraquara, discorre sobre *Experiências em educação e história indígena: do Mato Grosso do Sul ao Amapá*, a partir de suas práticas de educação escolar indígena junto aos Guarani, Kaiowá, Galibi Marworno, Galibi do Oiapoque, Palikur, Wajãpi, Karipuna, Wayana, Apalai, Katxuyana e Tiriyo ao longo de quinze anos (2000 a 2015).

O artigo de Elizabeth Ruano Ibarra, Victoria Miranda e Gabriel Ribeiro, todos da Universidade de Brasília, intitulado *Organização*

indígena e ensino superior brasileiro, analisa a criação e trajetória da Associação dos Acadêmicos Indígenas da UnB (AAIUnB) e do Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas (Maloca-UnB), caracterizando-os com “ações políticas interétnicas que interpelam a estrutura elitizada da universidade”.

Já na temática dos estudos sobre compensação ambiental e povos indígenas, Sylvia Salla Setubal, Paulo Waikarnase Xerente, Elineide Eugênio Marques e Simone Athayde, todos da Universidade Federal do Tocantins, em *Gerenciando programas de compensação ambiental de usinas hidrelétricas: relato de uma experiência indígena no Procambix*, apresentam e analisam o caso xerente específico em um “processo de gestão e execução de programas de compensação ambiental [...], relatando suas dificuldades, apreensões e angústias”.

No que se refere à temática da arte e do cinema, a **Espaço Ameríndio** publica dois textos.

O primeiro deles é de autoria de Susana Madeira Jordan Dobal e Josianne Diniz Gonçalves, ambas da Universidade de Brasília, que no artigo *Memória e protagonismo no filme Karai ha'egui kunhã karai'ete – os verdadeiros líderes espirituais*, discutem como “a apropriação dos meios de comunicação, sobretudo do cinema, pelas sociedades indígenas contribui para a preservação da memória e o repasse de saberes”. Entretanto, as autoras indagam sobre “o que seria o protagonismo nesse contexto”.

Em *A produção do artesanato guarani no município de Dourados, Mato Grosso do Sul*, o segundo deles, Leila Roque Ribeiro Marques, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, e Gilberto Luiz Alves, da Universidade Anhanguera-Uniderp, levantam informações “que permitiram identificar os objetos produzidos, as matérias-primas utilizadas, as origens do material empregado e as mudanças que impactaram o processo de produção e os produtos artesanais” na Reserva Indígena de Dourados.

(Re)territorialização, resistência e garantia de direitos; e farmacopeia odontológica indígena são as temáticas presentes nos três **Ensaio bibliográfico** desse número de **Espaço Ameríndio**.

André Luis de Oliveira Araújo, da Universidad de Córdoba, Edson Hely Silva, da Universidade Federal de Pernambuco, e David Gallar Hernández, da Universidad de Córdoba, abordam os desafios da gestão de territórios indígenas em contextos de reorganização social de grupos étnicos no ensaio intitulado *O contexto pós-demarcatório: quando se trata de redefinir o controle social sobre os recursos naturais e bens culturais*.

Em seu *Pequeno ensaio sobre resistência: a potência da recusa – Bartlebys indígenas e os movimentos aberrantes*, Antonio Henrique Maia Lima e Silvana Tótor, ambos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, refletem sobre as diversas e distintas formas de resistir dos “povos do sul”, especialmente dos Guarani-Kaiowa, face aos projetos desenvolvimentistas do Estado brasileiro.

No terceiro e último **Ensaio bibliográfico**, Deyvison Rhuan Vasco-dos-Santos, Vanessa Cardoso Pereira, Rosângela Maria Pereira Valões, Artur Gomes Dias-Lima, Anderson da Costa Armstrong e Carlos Alberto Batista dos Santos, todos da Universidade Estadual da Bahia, em *Farmacopeia odontológica dos indígenas brasileiros: uma revisão sistemática acerca do uso e bioatividade*, além de realizar um “levantamento de plantas medicinais utilizadas por comunidades indígenas brasileiras para saúde bucal”, apontam para a “riqueza do conhecimento botânico medicinal indígena” e para a “necessidade de mais estudos direcionados à área”.

Na seção **Autores Indígenas**, Almiros Martins Machado, do Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual, e Rosalvo Ivarra Ortiz, da Universidade Federal da Grande Dourados, em *Tekoá Pyaú: a busca da morada celeste guarani mbyá da Amazônia meridional*, apresentam e refletem sobre processos de reterritorialização e guaranização da terra.

Vinícius Teixeira Pinto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na seção **Resenhas**, apresenta e discute o livro de Alfred Gell, *Arte e Agência: uma teoria antropológica*, publicada em 2018 – na sua tradução em português pela Ubu Editora –, vinte anos depois de seu primeiro aparecimento.

Por sua vez, Jefferson Virgílio, da Universidade de Lisboa, resenha a obra de Rafael José de Menezes Bastos, *A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa*, publicada pela Editora da UFSC em 2013.

Ao finalizar, deixo algumas palavras sobre nossa capa. Ela foi elaborada por Alana Fries a partir de duas fotos¹: 1. indígenas de todo o país realizam marcha pela demarcação de terras e a garantia de seus direitos, na Esplanada dos Ministérios, como parte da programação do Acampamento Terra Livre – abril de 2018. Foto Marcelo Camargo/Agência Brasil; e 2. cerimônia de boas-vindas aos calouros do 2º semestre de 2018, com a participação da líder indígena Célia Xakriabá. Foto: Raquel Aviani / Secom UnB.

Desejo a todos e a todas uma ótima leitura.

¹ <https://fotospublicas.com>